



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Questão Agrária.

POR QUE SAIR DE ONDE SE QUER FICAR? MIGRAÇÃO TEMPORÁRIA DA JUVENTUDE DO ASSENTAMENTO UMARIZEIRAS EM ITATIRA – CE PARA O TRABALHO DE CORTE DE CANA, EM SÃO PAULO

Francisca Rosiane Sousa Almeida¹
Daniele da Silva de Lima²

Resumo: Este estudo apresenta as análises da vivência da juventude do assentamento Umarizeiras, no processo de migração temporária para o trabalho no corte de cana. A pesquisa é de natureza qualitativa, de tipo bibliográfica e de campo. Na ocasião da pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três jovens do assentamento Umarizeiras, localizado no município de Itatira/CE. Os resultados permitem observar que o processo de migração da juventude se dá principalmente pela falta de oportunidades de trabalho no seu local de origem, resultado do desenvolvimento do capitalismo no campo, com o cultivo de grandes extensões de monoculturas, onde o trabalho tornou-se escasso, fazendo com que esses jovens aceitem condições precárias de trabalho no corte de cana, em São Paulo.

Palavras-chave: Trabalho. Migração Temporária. Juventude do campo.

Abstract: This study presents the analyzes of the youth experience of the Umarizeiras settlement in the process of temporary migration to work on sugarcane cutting. The research is qualitative, of a bibliographic and field type. On the occasion of the field research, a semi-structured interview was conducted with three juveniles from the Umarizeiras settlement, located in the Itatira / CE municipality. The results show that the process of youth migration is mainly due to the lack of work opportunities in their place of origin, a result of the development of capitalism in the countryside with the cultivation of large areas of monoculture, where work has become scarce, making these young people accept precarious working conditions in the sugarcane cutting in São Paulo.

Keywords: Job. Temporary Migration. Youth of the field.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho³ apresenta as análises da vivência da juventude do assentamento Umarizeiras – Itatira/CE, no processo de migração temporária para o trabalho no corte de cana, em São Paulo. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de tipo bibliográfica e de campo. Na ocasião da pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto a três jovens residentes no referido assentamento. Para preservar a identidade dos jovens entrevistados eles foram

¹ Profissional de Serviço Social, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, E-mail: danielima.ssosocial@hotmail.com.

² Professor com formação em Serviço Social, Conselho Regional de Serviço Social - Ceará, E-mail: danielima.ssosocial@hotmail.com.

³ Este trabalho é resultado da pesquisa de campo de uma das autoras para a construção do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Serviço Social, do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea/UECE). As entrevistas semiestruturadas foram realizadas no ano de 2018.

denominados com nomes de aves migratórias (Falcão, Gavião e Andorinha), pois estas, em determinado período do ano, migram para outras regiões na busca por sua sobrevivência, assim como os jovens que migram por um período e depois retornam para seu lugar de origem.

O assentamento Umarizeiras foi criado no ano de 1997, localizado a 6 km do distrito de Lagoa do Mato, a 22 km da sede do município de Itatira e a 192 km da capital, Fortaleza. O município de Itatira, localizado no Sertão Central do Ceará, segundo o IBGE (2010), com uma população de aproximadamente 18.894 habitantes, apresenta um grande fluxo de migração. Conforme aponta a pesquisa realizada pela ONG Repórter Brasil junto a Comissão Pastoral da Terra (CPT) do estado, no ano de 2012, 80% das famílias tinham pelo menos uma pessoa que havia migrado para o trabalho no corte de cana, em São Paulo. 75% destas famílias não eram proprietárias de terras, apresentando os reflexos da concentração de terras como um dos principais traços do capitalismo no campo que agrava as desigualdades sociais (COMISSÃO DA PASTORAL DA TERRA, 2012).

Sabemos que o processo de migração no Ceará é antigo, cuja causa antes era relacionada somente ao fenômeno da natureza oriundo das secas frequentes no Estado. Temos observado, na contemporaneidade, que a seca não tem sido a única causa do processo de migração, todavia, a busca por melhores condições de vida tem motivado diretamente a migração temporária da juventude do campo.

Para compreendermos o fenômeno da migração temporária para o trabalho no corte de cana, vivenciado pela juventude de Umarizeiras, em Itatira, exige-se que façamos uma breve apresentação das configurações do trabalho no capitalismo contemporâneo, bem com o desenvolvimento do capitalismo no campo, onde o fenômeno da migração temporária tem se tornado mais presente.

É importante destacar que o processo de industrialização no Brasil, no século XX, provocou mudanças estruturais no campo, com a modernização do latifúndio. Fruto desse processo – a Revolução Verde, desde o início dos anos de 1970, vem acelerando o desenvolvimento do capitalismo na agricultura, com uma produção voltada para acumulação do lucro e o mercado. Diante do processo de modernização da agricultura, o agronegócio necessita de mão de obra barata, buscando nas regiões menos desenvolvidas, trabalhadores que se sujeitassem às condições precárias de trabalho e com custos bem menores. Na análise de Silva, Sampaio e Amorim (2009, p. 02),

No espaço agrário nacional sempre existiu o processo de produção agropecuário que explorou e continua a explorar a força de trabalho humana como se esta fosse um objeto qualquer exposto em prateleiras e transportadas de uma região para a outra, de um país para outro, de uma cidade para outra, de uma zona urbana para outra sem os devidos cuidados.

No Brasil, o processo de modernização do capitalismo intensificou o aumento das desigualdades sociais, principalmente no que está relacionado com a propriedade e a distribuição da renda. Diante disso, a população do campo sofre ainda mais como as consequências por falta de implementação das políticas públicas e por ser um espaço em constante disputa pelo capital.

Partimos do entendimento o qual a terra é um meio de produção e sem este o agricultor não tem como produzir, assim acentuando as expressões da questão social no campo, uma vez que para o camponês o campo é um espaço para viver e não somente produzir, como se apresenta para o capitalismo. É nesse espaço que ele constrói sua vida e reprodução social, por isso há uma disputa por territórios entre campesinato e capitalismo, tornando-se agravante para a questão agrária no Brasil. Assim, uma melhor distribuição das terras melhoraria as condições de vida da população, bem como a produção de alimentos mais apropriados para todos.

A presença do capitalismo no campo atribui-se à ampliação mundial do capital, com mudanças estruturais de dominação da produção agrícola. O agronegócio aumenta a produtividade no campo com enormes mudanças, com destaque para o processo produtivo, combinado com o aumento de escala dos monocultivos, com o uso intensivo de agrotóxico, o uso de materiais fundamentais para o desenvolvimento da produção e a padronização da produção. Para que haja esse desenvolvimento, criou-se uma aliança entre os banqueiros, a burguesia proprietária de empresas de comunicação e os proprietários de terra para controlarem a produção e a circulação das mercadorias agrícolas padronizadas (CARVALHO, 2005).

Apesar da grande produção, não tem gerado emprego na mesma proporção, portanto, “o capital aplica um modelo de produção agrícola, sem agricultores e com pouca mão de obra” (PROGRAMA AGRÁRIO DO MST, 2013, p. 19). No entanto, em outras áreas, como por exemplo, na monocultura da cana-de-açúcar mesmo com o uso crescente das máquinas, utiliza-se de um número maior de trabalhadores vindos dos estados da região nordeste, comprometendo o futuro da juventude e potencializando o aumento da migração e expulsão dos camponeses.

O que justifica o baixo número de emprego é que as grandes propriedades possui uma integração da mecanização e, como consequência, não oferece muitos postos de trabalho. Sendo o uso da tecnologia importante para o desenvolvimento do agronegócio, a mais terrível refere-se ao uso de agrotóxicos, tanto nos vegetais como nos animais, o uso generalizado de produtos químicos foi o mais extraordinário resultado da modernização da agricultura. Havendo um grande aumento nos lucros, não resultou na melhoria de vida dos trabalhadores que produziram essa riqueza. Este é o grande embaraço do capitalismo no

campo, pois não apresenta nenhuma solução para a pobreza e a miséria, seja na visão econômica, social ou política, como podemos observar nas definições de Carvalho (2005, p. 209):

Toda a gama tecnológica e organizacional da reestruturação da propriedade produtiva familiar, antes ou ainda restrita à comercialização dos excedentes, em propriedade produtiva capitalista, vem acompanhada das grandes contradições entre capital e trabalho, entre fornecedores da força de trabalho e detentores da produção.

O processo de modernização produziu a ampliação da concentração da propriedade privada, da exploração da terra e da má distribuição da renda, ampliando as desigualdades no campo, já que as empresas se apropriaram do território e das riquezas mais do que os trabalhadores. Isso provocou tanto a expulsão dos camponeses como dificultou que essas pessoas pudessem acessar a terra por meio da reforma agrária.

Esse processo ampliou o movimento migratório, forçando os agricultores a aceitarem o assalariamento temporário como forma de complementar a renda. Dada como característica do trabalhador rural moderno, a mobilidade espacial, na visão de Alentejano (2012, p. 479):

Esta se verifica não apenas pela migração de camponeses em busca de terras livres ou baratas nas regiões menos ocupadas e desenvolvidas, mas também pela migração temporária realizada por proletários e semiproletários rurais em busca de trabalho, dado que a crescente especialização regional da produção dificulta a obtenção de trabalho numa mesma região durante mais do que os poucos meses de colheita.

Assim, o contrato dos trabalhadores temporários se dá durante o tempo de colheita, depois o trabalhador retorna para sua região e fica na expectativa de ser chamado no próximo ano, pois onde residem não oferecem empregos, tornando-se totalmente dependentes do capital.

A seguir trataremos algumas dificuldades enfrentadas pela juventude do campo, com ênfase para a realidade do assentamento Umarizeiras no município de Itatira sobre a migração temporária da juventude para a região canavieira, em São Paulo. Os jovens vivem uma “revoada” em que os períodos de colheita vão e depois retornam para o assentamento; esse movimento impacta tanto na organização do assentamento como na vida familiar.

2 REVOADA DE ANDORINHAS PARA O TRABALHO NOS CANAVIAIS: UM OLHAR A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DA JUVENTUDE DO ASSENTAMENTO UMARIZEIRAS

As migrações são expressões da questão social e esta se resume no “conjunto das desigualdades e lutas sociais, produzidas e reproduzidas no movimento contraditório das relações sociais, alcançando plenitude de suas expressões e matizes em tempo de capital fetiche” (IAMAMOTO, 2010, p. 156). As múltiplas expressões da questão social estão relacionadas com o processo de desenvolvimento do capital, que tende a gerar o aprofundamento das desigualdades sociais, principalmente em se tratando do campo, que sempre sofrerá com o esquecimento e o abandono do Estado em relação às políticas sociais.

Segundo Martins (2002) a migração temporária se insere na problemática social das migrações, havendo uma reinserção dos camponeses no mercado de trabalho com condições precárias e até degradantes de trabalho, de direitos e de vida, vivendo na insegurança de quem depende de um trabalho temporário, na atualidade na tentativa improvisada de apaziguar as necessidades.

No nordeste do Brasil, notadamente no Ceará, são muitos os que migram para trabalharem temporariamente no corte de cana nas regiões canavieiras do interior do país, nas regiões onde a modernização da agricultura só foi possível com a implantação de sistemas de pesquisas, assistência técnica e extensão, rural que forneceu o desenvolvimento do novo padrão produtivo. Sem ter outra perspectiva, cedem às promessas de ganharem muito dinheiro ou de poderem satisfazer suas necessidades imediatas, acabam aceitando esses trabalhos. Esse fato não se conforma na aparência da migração, mas de fato é a perda da dignidade humana, pois acaba aceitando as condições oferecidas. Diante disso Martins (2002, p. 144) afirma:

[...] migram temporariamente dispostos a abrir mão de concepções mínimas e básicas de decoro, dignidade e direitos. São migrantes, portanto, os que colocam temporariamente entre parênteses o sentido de pertencimento e voluntariamente se sujeitam a situações de anomia, de supressão de normas e valores de referência.

O Ceará não possui grandes atividades modernas da agricultura, no entanto, se apresenta como uma área de concentração de mão de obra barata para serem apropriada pelo capital (SILVA; SAMPAIO; AMORIM, 2009). Os jovens do campo são os mais prejudicados, por ser um público pobre que não vê muitas perspectivas no local em que habitam. Tornam-se, pois, presas fáceis pelos enganadores, considerando que esses jovens são os mais apropriados para trabalharem, pois possuem energia para serem sugadas nos canaviais e gerar lucros para os capitalistas.

O principal local, onde esses jovens vão é para o estado de São Paulo. Esse é estado que possui a maior quantidade de área de plantação de cana e representa a maior economia do local. Segundo os dados do IEA (Instituto de Economia Agrícola) nos anos de

2016-2017, a produção da cana de açúcar foi de 450.138.853 toneladas e gerou aproximadamente de 31.113. a 597.533,88 sendo o principal produto da agropecuária paulista, ocupando cerca de 5,88 milhões de hectares no estado. São Paulo tem se tornado um dos principais destinos dessa juventude que procura trabalho, sendo os preferidos dos usineiros para a contratação temporária dos migrantes, por serem os mais apropriados para o trabalho. Para Rosa e Navarro (2014, p. 147):

[...] Esta preferência se dá principalmente por tratar-se de pessoas, simples, pobres, habituadas a lidar com trabalhos pesados, a viver em situações adversas, em geral possuem baixa escolaridade, são despolitizadas e, portanto, têm pequeno poder de negociação. Desta forma, aceitam se submeter às formas precárias de contratação e aos baixos salários.

Adentrando à pesquisa de campo, realizadas com três jovens do assentamento Umarizeiras, podemos perceber algumas semelhanças no que se refere ao perfil dos nossos entrevistados, segue-se com o codinome de cada um:

Falcão: o primeiro entrevistado tem 29 anos. Estudou até o 6º ano do ensino fundamental. Mora com os pais, sua companheira e os irmãos. A renda familiar fixa é de dois salários mínimos, provinda da aposentadoria dos pais.

Gavião: o segundo entrevistado Gavião, tem 22 anos, solteiro, fez até o 8º do ensino fundamental. Mora com os pais e os irmãos, com renda familiar de dois salários mínimos.

Andorinha: o terceiro entrevistado tem 24 anos e é solteiro. Mora com os pais, os irmãos e uma sobrinha. Está cursando o ensino médio pelo programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A renda familiar é de R\$1.200,00 reais (R\$ 700,00 é do ganho da atividade exercida por ele numa granja que fica no distrito, outra parte do aluguel de um imóvel na cidade e o restante advém do benefício do bolsa família).

Todos os entrevistados definem sua profissão como agricultores e já vivenciaram a migração para o trabalho no corte de cana em São Paulo, principalmente nos meses de abril à novembro, período da safra. De acordo com os entrevistados, o recrutamento se deu por familiares que haviam ido, como apontado em uma das falas: “vamos, que tu aqui não vai ganhar nada. Aqui não tem trabalho, lá tu vai ganhar alguma coisa” (FALCÃO, 2018). Os estudos de Rosa e Navarro (2014) sinalizam que os migrantes que vão em busca deste tipo de trabalho são motivados por outros que haviam ido.

A juventude passa por uma obrigatoriedade da separação do meio familiar e social para ir ao encontro de uma estabilidade, ainda que momentânea, uma vez que no meio em que residem não possui as condições de trabalho assalariado, indo à busca de meios de sobrevivência, conforme relato dos entrevistados Galvão, Falcão e Andorinha:

A gente não era obrigado ir, mas é o certo também que a gente já saiu daqui com condições de ganhar mais. O trabalho não era bom. Trabalho na usina é deles. Tudo é deles: comida, roupa, lima, facão. Mas quando é avulso é tudo por a conta da gente (roupa, comida, facão...). Tinha vez que era de domingo a domingo, emendava. Eu já cansei de emendar lá três domingos encariado, semana todinha (GAVIÃO, 2018).

Condição de trabalho é pesado, muito pesado. Começando trabalhar com a usina, depois quando ela quebrou, faliu, aí a pessoa teve que trabalhar com os “gatos” que é os turmeiros [...]. Tudo que vem tem que passar pela primeira mão deles, aí eles que vão botar o preço da cana, a usina bota um preço lá, e, chega lá ele já bota o preço. O preço dele! Tirando o dele já, aí já vem outro preço. Sabia que ia cortar cana, sair daqui para saber que ia cortar cana, mas não sabia se ia trabalhar na usina ou com os gatos (FALCÃO, 2018).

Do trabalho, não é bom trabalhar, né! Quem gosta de trabalhar? Muito, muito cansativo! Pra mim, no caso não era muito não, ia fiscalizar os outros lá. Mas pra quem tava lá mesmo, eu via que era muito dificultoso, que ainda é até hoje. Se quiser saber o que é ruim, você vai para São Paulo! Fica longe da família 5, 6, 7, 8 meses para você ver como é ruim. Por menos, por menos que a gente ganhe aqui, dando pra gente sobreviver. Se a gente ganhar a metade do que a gente ganha lá, tá bom aqui. Só tá perto da família é bom demais (ANDORINHA, 2018).

A partir da vivência dos entrevistados migrantes no corte de cana, em São Paulo, os mesmos descrevem o trabalho como: cansativo, dificultoso, pesado. E para os que fazem também a comida o dia começa mais cedo, enquanto os demais podem dormir até mais tarde. Essa realidade se assemelha com os demais estudos sobre os cortadores de cana. A carga horária é extensa, e muitas vezes não há hora para começar e nem para terminar, é o o que relata um dos jovem sobre a jornada de trabalho: “6 h da manhã, até muitas vezes 5 h da tarde, 4 h, é variado, tem dia que sai cedo, tem dia que sai tarde, ate acabar, tem vez que eles querem acabar a cana, ai é variado” (GAVIÃO, 2018). Praticamente não há intervalo para o descaso após o almoço, pois param somente para comer e depois retornam ao trabalho.

Sobre os vínculos de trabalhos, os três passaram pelo trabalho com carteira assinada e contratos temporários, e dois deles tiveram experiências com trabalhos avulsos, ou seja, sem vínculo empregatício. No que diz respeito ao trabalho realizado diretamente para a usina, esta era responsável pela concessão de cesta, dos equipamentos de proteção individual (EPIs) e o seguro desemprego. Já no trabalho avulso eles não tinham direito a seguro; os equipamentos e os trabalhos eram feitos para os “gatos”, que é um tipo de empreiteiro ou tarefeiro. Se o trabalho realizado diretamente para a usina era atribulado, comos “gatos” se dava de forma mais complicada.

A remuneração, ou seja, o salário dos cortadores de cana, independente do vínculo estabelecido, estava relacionado com a produção que os mesmos tivessem, como podemos observar nos seus relatos:

Ah! Isto ai é tão assim variado. A pessoa nem sabe como é que sabe basear, vindo dum jeito, outra vez vinha doutro [...] dependia das pessoas que não faltasse

muito [...] o ganho é produção, agora mesmo tirava R\$1.000,00 - R\$1.200,00 na época lá, trabalhava pela usina era R\$1.800,00, logo no começo (FALCÃO, 2018).

Os estudos de Novaes (2009) apontam que o ganho por produção contribui para o aceleração do trabalho e os jovens são superexplorados, tendo que cortar em média 10 toneladas de cana por dia para se manterem empregados. Eles cortam por metros o que faz perder o controle de quanto pesa os metros cortados, isso faz com que o trabalhador não saiba calcular seu próprio salário, pois “os trabalhadores não sabem fazer a equivalência entre a quantidade de metros cortados e o peso equivalente em cana” (ROSA; NAVARRO, 2014, p. 149). A medida realizada para a remuneração dos trabalhadores do corte de cana é pesado em toneladas, sendo assim, os trabalhadores não têm como saber a forma de como é calculado o valor do seu salário.

De acordo com os participantes da pesquisa, Gavião, Falcão e Andorinha, em relação à alimentação os trabalhadores, sejam da usina ou com os “gatos”, são responsáveis pela preparo desta, a diferença é que na usina eles tinham uma cesta de alimentos que não dava para o mês, tendo que complementar com o dinheiro deles. E com os gatos eles eram responsáveis com tudo.

Eu ajudava um amigo meu! Lavava a roupa dele todinha para ele fazer comida para mim e fazia o mercado com ele. Tudo que faltasse: arroz, feijão, carne misturas [...] Ele acordava de madrugada, umas três horas pra fazer a comida (GAVIÃO, 2018).

No que diz respeito a realização da viagem para São Paulo, de acordo com o relato dos entrevistados, ao chegarem na cidade é marcado um ponto de espera para que todos possam se reunirem. O traslado é feito em um ônibus de uma pessoa do município que há muito tempo, desde que se iniciou esse fluxo de migração, transporta essas pessoas até os canaviais. As idas para lá, na maioria das vezes, são realizadas em ônibus clandestinos, na qual a passagem é mais barata. De acordo com Rosa e Navarro (2014), os trabalhadores são os responsáveis pelo pagamento das passagens, que custam em torno de R\$700,00 reais, somado aos demais custos com alimentação, aluguel, quando é avulso, entre outras coisas. Segundo a fala do entrevistado Falcão (2018):

Eu ia gastar muito. Eu ia precisar de R\$ 700,00 para mim agora, chegar lá ou mais, né! Que lá ainda ia pedir dinheiro (uns mil e pouco), pra mim chegar lá alugar a casa, essas coisas, comprar as coisas. Porque lá para onde eu vou é avulso, aí a passagem da Lucinha, tudo pela conta da gente.

Esses jovens sofrem um processo de expulsão provocado pela falta de acesso à terra, considerado por (MANZANO, 2013) como elemento fundamental para o desenvolvimento do ser humano, desde que a agricultura foi desenvolvida, a terra tem sido

a condição fundamental para a produção. Diante da falta de acesso ou as condições para produzir o suficiente para sua subsistência, ou porque não possui outras fontes de renda, por meio da venda da sua força de trabalho, observa-se que:

Diante das dificuldades de alguns em se manterem enquanto pequenos produtores e da falta de trabalho assalariado em seus locais de origem, essas pessoas migram para a região Sudeste em busca de trabalho para garantir o seu sustento e o de suas famílias (ROSA; NAVARRO, 2014, p. 147).

A falta de trabalho remunerado no local onde residem tem sido o determinante para esses jovens migrarem para o corte de cana, mas não se resume somente na falta de emprego. Na análise de Rosa e Navarro (2014) isso implica na luta pela terra não resolvida no país, reflexos da questão agrária brasileira que tem a concentração de terras como um dos principais traços do capitalismo no campo que agrava a questão agrária, pois sem os meios de produção principal para produzir que é a terra o agricultor não tem como produzir, aumentando ainda mais a questão social no campo.

E quando se tem acesso a terra, não são as de solos melhores para produzirem, o trabalhador não tem acesso a tecnologia, tornando-se um trabalho cansativo e com produção que não se faz suficiente para garantir seus anseios. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o trabalho na agricultura com o uso da enxada é pesado, o do corte de cana é ainda mais, isso nos traz a reflexão sobre que não é o trabalho pelo trabalho, não é simplesmente a “troca da enxada pelo facão” (NOVAES, 2009, p. 106), mas a garantia que os mesmos têm de no final do mês ter o seu dinheiro para poder comprar suas coisas, sem depender de outras pessoas. Isso pode ser comprovado nos relatos de um dos entrevistados: “Por menos que a gente ganhe aqui, dando pra gente sobreviver. Se a gente ganhar a metade do que a gente ganha lá, tá bom aqui, que só tá perto da família é bom demais (ANDORINHA, 2018).

Percebe-se que acontece uma saída forçada desse público que ao mesmo tempo que deseja ficar. As condições os forçam para irem. Ocorrendo assim, a migração temporária em que, “o sujeito é obrigado a sair temporariamente para outro lugar em busca de meios de sobrevivência. É a forma mais dramática de migração, a migração temporária” (MARTINS, 2002, p. 126).

Ainda sobre o trabalho os entrevistados, o corte de cana de açúcar, em São Paulo é a oportunidade de trabalho que mais se repete para os jovens do assentamento Umarizeiras, pois “a única opção, é o único lugar que tem de ganhar um dinheirinho é lá. Aqui tá difícil!” (FALCÃO, 2018). Apesar de reconhecerem que o trabalho no corte de cana não é bom, ainda assim eles consideram que vale a pena ir, uma vez que, eles vêem como a única opção concreta de trabalho, uma questão da aptidão se vão se adaptar ou não, e

para os “filhos de agricultores nordestinos, o trabalho é o único caminho para a realização de projetos pessoais e familiares” (NOVAES, 2009, p. 117).

O assentamento não dispõe de trabalho no qual a juventude possa ter sua renda no final do mês: “eu não penso em sair daqui, mas se for depender das condições a gente tem tudo para sair para fora, né!? Aqui não tem nenhuma fonte de renda” (ANDORINHA, 2018).

Ainda devemos analisar que a migração não afeta somente as pessoas que migram mais todo um conjunto familiar e comunitário, mas afeta a família tem que se conformar em ficar sem seus membros, porque um deles tem que partir, como nos relata um jovem: “É difícil para família, né!? A gente sair, deixa a família, mas a família entende que a gente vai atrás de outras coisas melhor”(ANDORINHA, 2018). Essa é uma dura realidade encarada por grande parte dos nordestinos que deixam suas famílias para irem a busca de trabalho para terem condições melhores de vida.

Quanto a migração temporária da juventude relacionada com a organização política do assentamento, os mesmos acham que sua saída não impacta em nada na dinâmica do assentamento, uma vez que esses jovens cada vez se distanciam dos ciclos sociais de sua comunidade. Na relação com a família o impacto é maior, tendo em vista, que a ausência se dá de forma mais intensa e a comunicação é essencial, já que esses trabalhos podem oferecer riscos, “provoca uma preocupação em saber que a gente tá longe, gente, se a gente num ligar todo dia fica todo mundo preocupado” (ANDORINHA, 2018).

Na relação do “eu que migro”, nota-se que não há uma preocupação para os impactos da migração na localidade onde residem, mas quando isso se volta para o fluxo migratório sofrido pelo assentamento eles percebem como problema que afeta ao coletivo, analisando a fala de um jovem que relata: “a partir do momento que sai uma pessoa aqui, começa outra. A pessoa saiu, vamos ter que fazer outro cronograma, aquela pessoa já saiu” (ANDORINHA, 2018). Isso de certa maneira atrapalha nos trabalhos desenvolvidos pelo assentamento, referentes aos coletivos executados para manutenção da área e da estrutura, além dos trabalhos na agricultura do milho, feijão e dos cuidados com os animais.

Considerando as contribuições dadas pelos jovens, observa-se que um dos principais motivos para a migração é a busca pelo trabalho remunerado que eles não encontram no seu local de moradia, decorrentes da falta de políticas públicas, para o desenvolvimento da produção familiar para que estes jovens permaneçam.

A busca por este tipo de trabalho tem se dado de forma espontânea ou por indicação de familiares, mas há um detalhe que deve ser analisado: esses jovens, apesar de saberem o trabalho que vão executar, podem considerar que este se dá de forma

obscura, em que as relações desses trabalhos não são estabelecidas, antes do deslocamentos.

O trabalho temporário, realizado através da migração, é uma relação social na qual para alguns compensa e, para outros, não. Os que migram, na sua grande maioria são os homens, para garantir alguma renda em busca de melhorar as condições de vida da família, deixando mulher e filhos. Para os trabalhos nos canaviais os jovens são os mais influenciados para migrarem, com a perspectiva de melhorar de vida e poder potencializar o acesso ao consumo, mas acabam gastando o que ganham e, quando chega o ano seguinte, vão novamente, pois o dinheiro já acabou, tornando-se um círculo vicioso e dependente dos trabalhos ofertados pelo agronegócio.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange ao campo, observa-se que o desenvolvimento do capitalismo nessa área se deu de forma ainda mais excludente, pois expulsou muitas pessoas que ali habitavam. E para o capital se desenvolver e acumular mais capital necessita comprar mais força de trabalho, buscando-as nos lugares menos desenvolvidos, sob precária condições de trabalho para terem menos gastos e acumulem mais valia, assim ampliando mais capital.

Para compreender o porquê os jovens trabalhadores do campo ainda migram, mesmo em condições desfavoráveis, com relações de trabalhos precarizados e sem nenhuma garantia, há que se entender que o que estes jovens buscam não é simplesmente o trabalho, mas a renda. O assentamento no nosso entender se apresenta para os jovens como um lugar bom para viver, no entanto, não dispõe de trabalho necessário para que estes permaneçam em seus locais de moradia, tendo que abandonar a escola para o trabalho. Tal saída se expressa, na obrigatoriedade da separação do meio familiar e social para ir ao encontro de uma estabilidade, ainda que momentânea, vivendo uma sociabilidade transitória, precária, sentida como a falta de um lugar para conhecer um outro, do deslocamento de um lugar a outro, de um tipo de vida social a outro, sentida por quem migra e pelos familiares que ficam.

Os objetivos aqui propostos nos leva a refletir sobre a necessidade de aprofundamento dos processos migratórios temporários, que vem ocorrendo no nordeste brasileiro, visto que, sair de onde se quer ficar é o que se tem se apresentado para os jovens do assentamento, vivendo uma revoada, em que saem para trabalhar, mas está vinculado ao seu lugar de origem.

A juventude do campo é um público que a cada dia sofre mais as influências do capitalismo por diversos motivos, muitas vezes buscam nas oportunidades oferecidas pelo

agronegócio compensações para terem sua emancipação financeira e, assim, terem o que desejam.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo. Modernização da agricultura. In: CALDART, Roseli Salette (org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: escola politécnica de saúde Joaquim Venâncio; Expressão popular, 2012.

CARVALHO, Horácio Martins de. A insustentabilidade do atual modelo econômico e tecnológico da agricultura brasileira. In: _____. **O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis, RJ: vozes, 2005.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA – CEARÁ. Ações preventivas as praticas da superexploração do trabalho e trafico de trabalhadores rurais no município de Itatira- Ceará. In: _____. **Escravo nem pensar! Experiências comunitárias de combate á escravidão**. 2012.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRICOLA-IEA. **Cana de açúcar**. São Paulo: IEA. Disponível em: <<http://ciagri.iea.sp.gov.br/nia1/cadeia/cadeiaCana.aspx>>. Acesso em: 04 out. 2018.

MANZANO, Sofia. **Economia política para trabalhadores**. São Paulo: ICP, 2013.

MARTINS, José de Souza. A vida entre parênteses-migrações internas no mundo contemporâneo. In: _____. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.

NOVAES, J. R. P. Trabalho nos canaviais: os jovens entre a enxada e o facão. **Revista Ruris**, Campinas, v. 3, n. 1. p. 105-127, mar. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/6PR3RX>>. Acesso em: 04 out. 2018.

PROGRAMA AGRÁRIO DO MST. O processo de desenvolvimento do capitalismo no campo. São Paulo: MST, 2013.

ROSA, Leandro Amorim; NAVARRO, Vera Lucia. Trabalho e trabalhadores dos canaviais: perfil dos cortadores de cana da região de Ribeirão Preto (SP). **Cad. psicol. soc. trab**, v. 17, n. 1, p. 143-160, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/vB6SWU>>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA. D. R; SAMPAIO. J. L.F; ALENCAR. F. A. G. Migração sazonal cearense: via para o trabalho escravo contemporâneo. **XIX Encontro Nacional de Geografia Agraria**, São Paulo, 2009, p.1-31. Disponível em:<<https://goo.gl/fC3NBJ>>. Acesso em: 27 maio 2018.